

SE ALGUEM QUISER VIR  
NAS MINHAS PEGADAS,  
RENUNCIE A SI MESMO,  
TOME A SUA CRUZ E  
SIGA-ME.

JESUS

# A NOVA ERA

ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA CASA DE SAÚDE ALLAN KARDEC

AQUELE QUE ME RENE-  
GAR DIANTE DOS HO-  
MENS, TAMBÉM EU O  
RENEGAREI DIANTE DE  
MEU PAI QUE ESTÁ NOS  
CÉUS.

JESUS

REDAÇÃO: RUA CAMPOS SALES, 929

(Caixa, 65)

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Ano XVIII

FRANCA — (Estado de São Paulo) — 31 DE OUTUBRO DE 1945

Diretor — Dr. TOMAZ NOVELINO  
Diretor de 15/11/927 a 21/6/942 — JOSE' M. GARCIA

Redator — AGNELO MORATO  
Gerente — VICENTE RICHINHO

N. 728

## PESADÉLOS!...

José Russo

A humanidade, no momen-  
to que passa, resente-se de  
tantas angústias íntimas que  
a custo consegue equilibrar a  
mente, sempre povoada de  
dúvidas e apreensões. A incer-  
teza do dia de amanhã, aca-  
brunha o coração; o ritmo  
acelerado da vida, deixa um  
travão decepcionante a perdu-  
rar sem termo; as necessida-  
des atropelam-se em encon-  
tros permanentes, disputan-  
do o quinão de cada dia; os  
sofrimentos multiplicam-se,  
os gemidos dos infelizes fe-  
rem os ouvidos, a miséria  
alarga o cerco, a fome ganha  
terreno, a morte trabalha sem  
trégua. Parece o fim de tu-  
do, o epílogo de todas as des-  
venturas que enchem o ca-  
pítulo da existência.

Toda alma que sofre, todo  
coração que soluça anseia pe-  
la tranquilidade, pela paz bo-  
nançosa a entreter sonhos  
irrealizáveis. As criaturas que  
sofrem explodem em lamen-  
tações estóreis, contando com  
a graça celeste, qual milagre  
bendito, a gotear nos cora-  
ções a suavidade de promiss-  
oras esperanças. Todos olham  
para cima, numa interroga-  
ção aflita, a espera da mis-  
ericórdia divina que os envol-  
verá, sem o indispensável  
merecimento.

A felicidade que com to-  
dos scubam, tenazmente ar-  
raigada desde os primeiros  
passos na vida, resulta da  
compreensão da criatura, de  
que, os benefícios de ordem  
geral dos quais necessitamos,  
só virão, fatalmente, de cima  
para baixo, do céu para a  
terra, de Deus para os seus  
filhos doentes, pobres e ingr-  
atos. Nunca pensam que a al-  
ma terá que subir afim de  
partilhar da felicidade que  
outros gosam. Porém, para o  
homem se elevar até o reino  
onde habitam os felizes, terá  
que forçosamente trabalhar  
no burilamento de todas as  
suas faculdades, aprimoran-  
do os seus torpes sentimen-  
tos. Isso, como se sabe, re-  
quer sacrifício, luta, trabalho  
longo, ao passo que, poden-  
do receber de cima tudo gra-  
tuitamente, cai a sôpa no mel.

E quando os habituais pe-  
dintes nada recebem, choram-  
tingam enervados, desiludidos  
e descrentes da graça  
celestes.

xxx

Quando a razão iluminada  
na chama do Evangelho nor-  
tear os passos do pecador, este  
compreenderá que a sua fe-  
licidade depende de si próprio,  
bem como a cura dos seus  
males. E a prova é que todos  
os doentes e necessitados de  
tantas modalidades que raste-

jam pelas trilhas do infortu-  
nio, vivem doentes, se conservam  
doentes e morrem com as res-  
pectivas enfermidades. E por-  
que? Não tiveram sucesso as  
rezas, as promessas, os jejuns  
e toda a cartilha de pedidos  
enviados ao Criador? Sim, é  
possível que os pedidos atin-  
gissem o alvo, mas, para se  
receber um benefício, haverá  
também alguma condição. A  
indigência dos que pedem,  
porventura isenta-os de se  
tornarem merecedores? Afim-  
lha, para conquistarmos o  
supremo bem e nos elevarmos  
acima dos sofrimentos físicos  
e morais que nos atormentam,  
precisamos nos co-

locar em posição de atingi-  
los pelo nosso trabalho e ele-  
vação moral. A indigência hu-  
mana é o quadro onde se  
retrata a imperfeição dos es-  
píritos culpados, premidos sob  
a cruz de provas dolorosas. E  
estas representam o único  
remédio, o maior benefício,  
a suprema graça que Deus  
distribuiu aos filhos pródigos,  
agrilhoados à tarefa de rea-  
bilitação espiritual. Trabalhe-  
mos para adquirir os bens  
duradouros, porque estes se-  
rão nosso patrimônio eterno  
nesta vida e na outra. Se ficarmos  
estáticos a implorar sem  
a menor reação de nossa parte,  
a culpa permanecerá conosco,  
e não teremos nem o repou-  
so da consciência, livre de in-  
gratos pesadélos...

## A hora que passa

J. B. CHAGAS

Com a terminação do con-  
flito armado, que ensanguen-  
tou o mundo, começam a surtir  
nos quadros das renova-  
ções imediatas problemas os  
mais angustiosos, absorvendo  
naturalmente os sociólogos  
mais argutos.

A civilização em ruínas, está  
a pedir recursos salvadores  
e providenciais, no sentido de  
aproveitar o que ainda é pos-  
sível de aproveitamento.

A sociedade humana, cujo  
organismo foi devastado por  
moléstias sem conta, está sen-  
do obrigada a examinar cui-  
dadosamente questões e pro-  
blemas vários, cuja complexi-  
dade e extensão já percebeu,  
daí o justo anseio das almas,  
que se fez sentir, também, em  
torturante preocupação no pla-  
no do pensamento.

Mas, para que a reconstru-  
ção seja completa e salutar,  
mistur se faz o retorno ao am-  
biente de absoluta paz e tran-  
quilidade, sem o que todo es-  
forço resultará improficuo, não  
passando de infrutíferas ten-  
tativas.

As rudes e malogradas experi-  
ências, estão, portanto, a incutir  
nas almas um justo anseio de  
concordia geral entre os ho-  
mens, porque a guerra só se  
pode perturbar de modo inclu-  
sivo das suaves premissas de  
paz.

As noções de direito, os  
ideais de justiça, de concordia  
e de amor, tão espezinhados  
no passado, para a completa  
extinção das sombras negras  
da violência, estão conduzindo  
os homens a um exame mais  
acurado, e a exigir providên-  
cias de ordem moral mais con-  
cretas, sem o que a recons-  
trução do mundo de amanhã,  
tão ansiosamente buscada, não  
se fará.

A só extinção da guerra

mostrou-nos que não foi  
o bastante a cessação da luta  
para que o mundo reconquis-  
tasse a tranquilidade perdida.  
Após o choque tremendo  
das armas, persiste a crise no  
terreno e no campo das lutas  
sociológicas, em busca de um  
sistema que possa satisfazer  
a todos. Infelizmente, é dolo-  
roso constatar que a vitória  
das armas não trouxe a vitó-  
ria do direito, e o após-guer-  
ra ainda pode nos reservar  
grandes surpresas.

Os sociólogos lutam hoje,  
como ontem o fizeram, bus-  
cando encontrar a mística que  
lhes abrirá o caminho para  
encontrar as possibilidades  
para o restabelecimento do  
equilíbrio da evolução do ho-  
mem no sentido ascendente.

Contudo, vêm os contrista-  
dos, que não perdura o es-  
forço dos que sinceramente de-  
sejam cooperar para o ser-  
vimento do nível moral da  
Humanidade. Leis e códigos,  
sessões e conferências são re-  
alizados ou escritos na procura  
de uma legislação que re-  
conheçam todos, será sempre  
a casa nobre dos princípios  
que não de assegurar sempre  
os direitos dos homens, to-  
davia, esses homens não po-  
derão atingir os seus objetivos,  
asseguradores da concordia  
universal, enquanto olvidarem  
o Código de todos os códigos,  
a lei de todas as leis, onde  
estão contidos todos os pro-  
blemas, que eles agora procura-  
rão encontrar incognita — O  
Evangelho de Jesus!

Neste Código sublime — O  
Evangelho — eles verão supe-  
riormente delineados os meios  
e recursos para que todos os  
homens possam viver na ter-  
ra, em tranquilidade e em paz.

Os homens ambicionavam

## CARIDADE E JUSTIÇA

VINICIUS

Entre o exercício da justi-  
ça e a prática da caridade não  
há incongruência nenhuma.  
Deus é infinitamente justo e  
infinitamente misericordioso.  
Sua justiça se exerce concomi-  
tantemente com sua miseri-  
córdia. Daí por que o divino  
Intérprete da Lei entrelaçou a  
caridade e a justiça nesta su-  
gestiva e sábia síntese: Não  
faças a outrem o que não de-  
sejas que os outros te façam;  
faz aos outros o que queres  
que os outros te façam.

A primeira parte dessa sen-  
tença, em seu tom negativo,  
simboliza a justiça, enquanto  
que a segunda, expressa no  
positivo, encarna a caridade.

Não pode haver conflito en-  
tre as virtudes, de vez que o  
reino de Deus jamais estará di-  
vidido contra si mesmo. Si  
assim não fosse, o homem fi-  
caria na dúvida, sem saber se  
lhe conviria praticar esta ou  
aquela virtude, ser bom ou  
ser justo, nesta ou naquela  
emergência. Para ser justo, não  
seria bom, e para ser bom,  
não seria justo. No entanto,  
a verdade é que ninguém po-  
de ser justo sem ser bom, nem  
ser bom sem ser justo. Justi-  
ça sem misericórdia é iniqui-  
dade. «Summum jus, summa

injúria». Bondade sem justiça  
degenera em fraqueza.

As virtudes são partes de  
um todo que se ajustam e se  
completam. As falsas interpre-  
tações é que dão lugar às in-  
compatibilidades entre elas.

Guerra Junqueiro, dando a  
uma de suas monumentais  
produções poéticas o título  
que nos serve de epígrafe,  
aduziu um conceito errôneo,  
classificando de ato de justi-  
ça a pena de morte que Judas  
aplicara em si mesmo, suici-  
dando-se. Não foi tal, aquele  
gesto. O Apóstolo cometeu,  
num assomo de desespero,  
mais um delito com o qual,  
debalde, pretendeu corrigir o  
primeiro.

No entanto, aos poetas tudo  
é permitido. Eles têm direitos  
adquiridos para jogar com as  
palavras à vontade, atentos,  
como estão, às exigências da  
arte a que se dedicam e se  
consagram. Nem por isso a  
poesia do inolvidável Guerra,  
intitulada «CARIDADE E JUSTI-  
ÇA» deixa de encerrar beleza  
na forma embora sacrifique a  
verdade no fundo. O imortal  
vate luzitano criou o prisma  
através do qual apresenta e  
canta o gesto de Judas.

sem fundamento sólido, a con-  
quista de um ideal qualquer,  
conseqüência inevitável do de-  
squilíbrio da vida individual,  
produzindo sérios reflexos no  
seio da sociedade e gerando  
e dando lugar ao nascimento  
de várias doutrinas salvadoras.

E como a História se repe-  
te, mudando apenas os cená-  
rios e os personagens, volva-  
mos o nosso pensamento ao  
passado e passemos a pala-  
vra ao grande Confúcio. —  
Disse ele: — «Um velho povo  
que desejou ter clara harmonia  
moral no mundo, teve primei-  
ro de ordenar a vida nacional;  
os que desejaram ordenar  
a vida nacional, tiveram primei-  
ro que regularissem a vida do  
lar; houveram primeiro de cul-  
tivar as vidas pessoais, tive-  
ram primeiro de fazer sinceros  
os seus desejos, tiveram  
primeiro de chegar à compre-  
ensão; a compreensão chega  
pela exploração do conheci-  
mento das coisas. Quando o co-  
nhecimento das coisas é alcan-  
çado, então a compreensão é en-  
certada, então o desejo é sin-  
cero, então o coração está vol-  
tado para a retidão; quando  
a vida pessoal é cultivada, en-  
tão a vida do lar está regu-  
larizada; quando a vida do lar  
é regularizada, então a vida  
nacional é ordenada; quando  
a vida nacional é ordenada,

então o mundo está em Paz».

Terão os sociólogos moder-  
nos meditado sobre a profun-  
deza desses conceitos do gran-  
de Confúcio? ... Eles mos-  
tram muito claramente como  
o mundo chegará um dia há  
entrar na posse da felicida-  
de.

E como «Natura non facit  
saltus» — ou seja a Natureza  
não dá saltos e o acaso não  
existe, sabemos todos que há  
leis que regulam todos os fe-  
nômenos. Utilizar e governar  
umas, observar outras, está  
nisto o segredo de toda ele-  
vação, já afirmou sabiamente  
o Codificador, segredo este,  
contudo, tão descuidado pelos  
homens de todas as épocas.

Agora, vergados ao peso  
dos seus próprios infortúnios  
e fracassos, serão obrigados,  
pelas circunstâncias dolorosas,  
a volver os olhos para a li-  
gura impoluta do Cristo-Jesus,  
para beberem nas lições gran-  
diosas do Divino Mestre a  
lição maior de amor, de so-  
ciabilidade e de fraternidade,  
sem o que o humanismo nuan-  
ca será feliz, porque jamais  
terá encontrado a felicidade!

Há quasi dois mil anos, Je-  
sus Cristo, condoído das nos-  
sas fraquezas, desceu ao nos-  
so meio, para espalhar sobre  
as nossas almas e corações

(conclua no 1.º página)

# MELANCOLIA

Esse sentimento de pesar que nos oprime o coração, tem origem em diversas causas. Essa dor íntima mais se avoluma e mais abate o espírito ou a idéia humana, quando tem profundas raízes na consciência dos homens.

No mundo dos negócios, ela tem passageira influência.

Porém, quando se trata de vida humana, a sua passagem deixa um sulco profundo na alma do paciente, ocasionando não raras vezes, o desvirtuamento da razão ou a decadência física.

Baseados nesse capítulo do sofrimento humano, vamos detalhar algumas particularidades inerentes à sua intensidade e duração. Poetas, escritores e artistas varios fixaram-na através do seu pensamento, em singulares estilos e variados tons, as mais entristecedoras páginas de romance e amor; em granito e terracotas, as mais significativas atitudes de desconsolo e desesperança.

Mas, com tudo isso, a melancolia continua a fazer milhões de proslitos e estampar no rosto humano, as mais dolorosas e inesquecíveis feições. Não nos reportemos tão longe, até aos campos de batalha da Europa e Ásia contaminadas pelo terror da guerra, em cujo sólo milhões de inocentes são aniquilados, envolvidos no rodameio das paixões sociais, cujas origens partem quasi sempre das religiões do que mesmo da ordem política, as quais encaminham ao dever da sociedade organizada, a vontade própria dos povos acorrentados pelo dever e trabalho diários.

O panorama da guerra 14-18 e 39-45 são dois expoentes máximos do sofrimento humano, abrangendo seus efeitos todas as camadas sociais, variando de intensidade à medida próxima ou distanciada do teatro das operações bélicas.

Os horrores da miséria e de amargura estampados no rosto humano, são indescrevíveis e incontáveis, tanta força tem o destino organizado das elites sobre a evolução dos homens na face da terra.

Notícias trazidas pelo rádio imprensa e imigrantes involuntários de regiões devastadas pela guerra, acossados pelos ventos da adversidade, enche-nos de tédio; e os cataclismos vividos pelas classes menos abastadas do mundo, — quão uma consequência lógica do meio ambiente afetado pelas correntes daninhas da oligarquia.

Narrá-los seria fastidioso e nos relembriamos episódios dantescos que nos encheriam o coração de maior dose de angústia. Esqueçê-los é obra de superma piedade, porque nada mais revolta o espírito do que a injustiça e a ingratição.

Em estudo retrospectivo, observamos nos rincões mais atastados, os ímpios trabalham sob o calor do sol e divertindo-se ao clarão da lua, na mais santa e piedosa inocência, — enquanto que, nas metrópolis e cidades grandiosas, a melancolia debruça suas longas azas de tristeza incompreendida!

Nos campos e nas matas, longe do borborinho humano, cantam os rouxinóis e as aves canoras, em louvor ao Divino Mestre.

E, nos aglomerados super-

civilizados, urdem as discórdias, os interesses escusos, a mentira convencional, como uma densa tumba que encostas da sociedade moderna!

Todos são irmãos em Cristo, mas a orientação dada pelos dirigentes políticos e religiosos, conscientes de sua superioridade de posição, fazem com que uns anulem o feito de outros, na certeza de que estão fazendo obra de grande alcance social, imbuídos da intelectualidade mal dirigida, procurando sempre impor preconceitos existentes ou criando novos, para alicerçar sua preponderância sobre os demais subalternos.

Afora o conceito político que exerce caracensada influência em gerações futuras, há ainda a índole religiosa que suplanta os rigores da lei, cujo subconsciente guarda avaramente graves reminiscências da mocidade irruíntia.

Não é de se extranhar que os povos mais adiantados em matéria religiosa tosem sempre os mais sacrificados pelas revoluções e pelas guerras, mormente aqueles que receberam os ensinamentos católicos romanos.

Haja vista os peninsulares italianos, na presente guerra.

Os mais dramáticos casos de desespero humano, ali se reproduziram em estado permanente. E é bom pensarmos que em Roma reside o Sumo Pontífice Romano!

Os fatos são incontestáveis e não há força que os possa reter, tal o relevo produzido sobre as demais nações em estado de guerra. Eles ali estão patentes e a desafiar o mais arguto pensador em esclarecê-los ou apontá-los à opinião pública mundial, cujas origens compete à coletividade condená-las, como medida preventiva contra futuras guerras de ambição e domínio.

Si as desgraças perduraram por séculos em fóra, arrastando milhões de sofredores, devemos, pela ordem natural das cousas, achar e resolver satisfatoriamente esse magno problema, que liga diretamente: passado, presente e futuro.

A ciência material tem progredido bastante, mas a ciência que trata da alma, do nosso íntimo e das nossas afeições, pouco ou nada tem feito, existindo ainda conclusões de séculos idos, permanecendo inalterada a ordem dos acontecimentos, num crescendo terrível, quão angustioso.

À trégua de paz que se ob-

serva na humanidade, vai cada vez diminuindo, enquanto que, aumentam as apreensões.

Vivemos num regime de Inconstância e desassossegado que nos abrevia a existência, pelos sobressaltos de toda ordem: moral, física e espiritual.

É por tudo isso que vivemos numa atmosfera preñe de efeitos entorpecentes, ditada pelas religiões, que nos turvam a vista e os pensamentos, convertendo toda nossa vida em melancolia duradoura!

Há, porém, uma ciência-religião que nos promete dias melhores e sábias aspirações.

Confiemos na Terceira Revelação, que é o Espiritismo codificado por Allan Kardec, e façamos o possível para compreendê-lo na sua mais alta significação, o qual nos mostra o caminho a seguir, de acordo com os ensinamentos pregados por Jesus Cristo, — traço característico de comunhão universal.

O Espiritismo avança a passos agigantados na consciência mundial, encontrando nos sequeiosos de justiça um lenitivo a que todos aspiram, afim de organizar-se uma sociedade digna da espécie humana, no que ela tem de mais nobre e mais alvoro.

Abraçemos a doutrina Espírita que já irradia bastante luz em nossas consciências e sejam nos paladinos do momento histórico, que a família cristã, perplexa, presencia.

— "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade".

A. Z.

21-4-45

## EXCERTOS MEDIÚNICOS

### O INMAGINÁVEL

Deus, o «Todo», é uma harmonia molecular, fluidica, espiritual. Portanto, força inteligente, não como o mais potente Sol do Infinito, centrípeto e centrífugo, mas o Sol dos Sóis, que aviva, dirige, movimenta os átomos e as sequências das esferas, dos mundos, das almas, sem limites de tempo e espaço.

Os doutos, na pressa de definit-Lo, não puderam sair do «fator núcleo», comparando-O ao cérebro humano: disseram pouco.

Uma «ação total», como Deus, não pode ser definida por uma partícula Sua, que é o homem: tentando-o, come-

## O fruto da nossa incompreensão e a grandeza de uma Doutrina

O retardamento do progresso da humanidade, é fruto da nossa incompreensão. Somos por demais intolerantes uns para com os outros. Temos mais facilidade em apontar os defeitos alheios do que corrigir os nossos e que, em muitas das vezes, são mais graves do que aqueles.

Os que em nome de uma religião procuram menosprezar a quem pertença a outra, não estão seguindo o Evangelho, mais se distanciando dele, pois o Autor desse Código de Amor e da mais elevada Fraternidade Cristã não teve por objetivo dispersar as suas ovelhas, mas reuni-las todas debaixo da Bandeira da Paz. As grandes tempestades catastróficas, ainda uma vez, são fruto da nossa incompreensão. Foi bem por isso que disse o Mestre: «A boa arvore é conhecida pelos frutos».

mas aquela que não der bons frutos, precisa ser cortada pela raiz, pois não foi plantada pelo Criador. Não posso crer que estejamos cértos, quando aconselhamos o ódio as religiões ou pessoas, pois este procedimento também é fruto da nossa incompreensão. Sim, não há dúvida que se conhecessemos a Lei de Deus, outro seria o nosso procedimento, porque nesta não encontramos apoio para as nossas intolerâncias, que ainda é fruto da nossa incompreensão.

Pelo progresso moral e espiritual, conseguiremos o nivelamento dos nossos sentimentos, nivelando também a nossa compreensão, frutos estes colhidos da boa arvore que foi plantada pelo Senhor. Não viemos á terra para vivermos separados, mas, sim, unidos pelos laços indissolúveis do Amor Fraterno que devemos voltar uns aos outros. Evitar

tereis o desequilíbrio entre o mínimo e o máximo.

Curvai o pensamento diante do Universo; meditai, sonhai, como um poeta em frente às belezas do vosso mesmo, minúsculo planeta, e sentireis a grandeza e a suavidade do mistério, que é Deus.

Uma parte, apenas, bem entendido: já que sois, tão somente, viajantes eternos do Universo, em uma transformação contínua, molecular, fluidica, espiritual.

Tende um exemplo básico

pois as discussões estéréis é um dever precípua que não deve ser esquecido por todo o homem dotado de um espírito esclarecido. Dizem que das grandes discussões nascem as grandes luzes, porém, diga-se de passagem, que muitas das vezes, dessas mesmas discussões nascem os grandes ressentimentos que separam os homens. Daí concluir-se que é muito problemático o resultado das grandes discussões, que na maior parte das vezes, são alimentadas por sentimentos pouco recomendáveis. Será uma boa norma de conduta para quem tiver vontade de acertar, não dar expansão a um desejo de discussão, sem que primeiro seja examinado o objetivo a alcançar, o caminho a percorrer e o estado de ânimo em que se acha.

Para que de uma discussão possa nascer a Luz que nos deve orientar, necessário se faz que tenhamos os espíritos despidos da negra roupagem fornecida pelo orgulho, vaidade, egoísmo, ciúme e inveja, pois que estas qualidades negativas, nos tolhem o direito de um raciocínio sensato.

Eis aí a Luz que surge da grandeza de uma Doutrina, para todos quantos desejem caminhar sem tropeços pela Infinita Estrada da Vida Eterna. Abrigados á sombra da arvore que dá bons frutos, constituída pelos ensinamentos de Jesus estaremos a salvo das paixões humanas e desse modo, com humildade e paciência, teremos mais força para destruir a todos os obstáculos que tentarem obstar os nossos passos e assim evitaremos ficar á margem do caminho, atingindo o objetivo em fim de jornada.

Paranáguá, Setembro de 1945  
Manoel Alves Quadrado

em Jesus, esse nômade que vos precedeu, simplesmente, na triplice forma da Criação: progredindo sempre, sem jamais parar, no seu e vosso caminho.

Felizes vós, que reencontrastes no «Espiritismo», finalmente, um ponto certo de «partida», da compreensão divina; pois que Divino é o «Todo» no qual viveis e progredis.

Nenhuma religião, ou culto, poderá esclarecer vos sobre o «Todo», fóra de uma Fé aliada á Razão: o Supremo Artífice age, precisamente, no desejo inextinguível de «criar» — que é Fé — e de equilibrar — que é Razão.

Há mais: a «Fé» é uma fílama que envolve o Universo, sem necessitar de tempos e de cultos. A «Razão» é o próprio Deus. Portanto, toda molécula, flúido, espírito, são e estão n'Ele, como partes integrantes.

Tal como a vossa entidade: matéria, vibração, luz, em quanto o complexo obedece a uma inteligência dominante.

Toda Criação é um ritmo que está em Deus, como o equilíbrio mesmo do Tempo e do Espaço.

Crianças e adultos da Fé e da Razão, amai a Deus no âmbito de vossa consciência.

Mariano Rango d'Aragona

**A ESCOLA PESTALOZZI** já é uma realidade e agora o

**GINASIO PESTALOZZI**

(Do Educandário «Pestalozzi») obra de real valor na Doutrina, orçada em Cr\$ 500.000,00 a iniciar-se muito breve em grande área de terreno já adquirido.

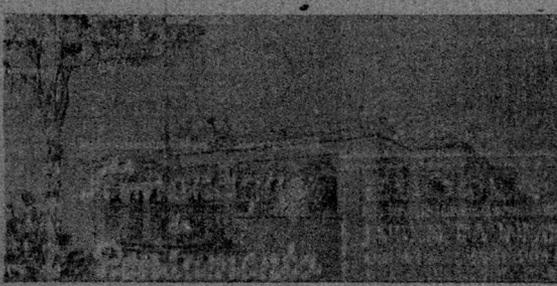
Quantia já subscrita (Donativos e quotas) Cr\$ 251.300,00

Sociedade por meio de quotas no valor de Cr\$ 1.000,00, 500,00 e 100,00.

**INSCREVA-SE COMO SÓCIO**

Contribua para a grandeza da causa, para educação de seus filhos, e de todos os brasileiros.

**PLANTA DO GINASIO**



**A HUMILDADE**

Samuel Pires de Oliveira

A afirmação da individualidade, não colide com a Harmonia Universal, desde que orientada pela Humildade. A cada qual, o seu âmbito de ação, a missão que lhe foi confiada na terra.

E, si a ninguém é lícito invadir atribuições alheias, a todos é imposto o dever de colaboração. E esta, só é possível, onde não pontificam a presunção e o orgulho, onde presente esteja a Humildade.

No recesso da mata, onde sentimos eloquentemente a evidência dessa Lei que preside à Evolução em todo o Universo, vemos o cedro precioso abraçado com o angico pebeur; aquele, irá para a manufatura de riquíssimos móveis; e este, dará a sua casca para o cortume de couros, só tendo utilidade, a sua madeira, para o fogo. Mas ambos, como as demais árvores, dão periodicamente as suas flores às abelhas para a produção do mel, e as sementes para a continuação da espécie: todas, suportam no tronco e nos galhos as parasitas vegetais, que, por sua vez, dão lindíssimas flores: todas, protegem com a sua sombra os idilios de várias gerações de insetos. É aí, que o filósofo se ajoelha, se prostrava diante do Criador, empolgado pela Sabedoria de Sua obra. É aí, que o cético se conturba, e, estupefato, vacila diante do fascínio que aquele contraste harmonioso exerce sobre o seu Espírito... e tremeluz a luzerna do seu entendimento. A solidariedade, a cooperação espontânea ou forçada, aí se observa por toda a parte na obra da Criação. O cipó providencial, é o concatenador das resistências. Esqueira-se, circunda galhos, passa de uma árvore para outra, sem informar-se da nobreza ou vileza; envolve os galhos em todas as direções possíveis, entrelaçando-as. E quando advem o furacão, necessário à própria vida dessas árvores, o trabalho daquele cipó revela a sua utilidade...

No vórtice das paixões que nos assediaram, nos envolvem, no intuito de arrebatar-nos o insignificante mérito de alguma ação que hajamos praticado, pontifica a Vaidade.

«Compete ao homem, mudando-se a si mesmo, operar a transformação da lei biológica no vosso planeta» (P. Ubaldi—ob—cit.—pág. 196).

Atos corriqueiros, insignificantes, de ridículo valor, são travestidos caricatamente de magnanimidade altruística, com opulência de raciocínios; e, um gesto, que bastas vezes, nem sequer merece o qualificativo de solidariedade, vem balizado pomposamente com o nome de Caridade.

Jamais seabusou tanto, em parte alguma do mundo, do nome da Caridade, como se tem feito no Brasil nos últimos tempos.

Porque Allan Kardec disse que fora da Caridade não há salvação, isso anda de boca em boca, e, criaturas que jamais compulsaram uma das preciosas obras de Kardec, ou, si o fizeram, não entenderam porque não praticam o que essas obras preceituam, vivem a «manchar as águas» da Dou-

trina, profanando o nome da Caridade com atos obsoletos e sibilinos.

Putulam como cogumelos as «Tendas de Caridade»; mesclam-se os postulados puríssimos do Evangelho de Jesus Cristo com errôneas, com opiniões canhestas e superstições; os princípios iluminados do mestre Allan Kardec para o intercâmbio com os Espíritos, desconhecidos ou olvidados, são substituídos por práticas ao sabor de mentalidades tacanhas, teatralizando, para satisfazer curiosidades as comunicações, dando ensanchas à mistificação, ao embuste à obsessão.

Causa pasmo, ver-se em um Centro Espírita, a sua atividade restringir-se a ouvir Espíritos, e ainda classificar-se isso com o nome de Caridade.

«Caridade é o vínculo da perfeição» disse Paulo. E é sujar as águas do Espiritismo Cristão, profanar-lhe o nome. E porque Jesus declarou: «a ninguém chamarei vosso Mestre», qualquer presumido, com exíguos conhecimentos da Doutrina ou mesmo sem eles, sem nenhum preparo espiritual, julga-se capaz de presidir sessões, dar passes, doutrinar Espíritos e pregar o Evangelho que não conhece nem entende.

A dolorosa consequência de tudo isso, oriunda da ignorância e ausência de Humildade, é o descrédito para a Doutrina do Espiritismo Cristão, quando é mistér se diga altolloquentemente que a Caridade é o vínculo da perfeição, porque é «benigna», não é invejosa, NÃO TRATA COM LEVIANDADE, não se ensoberbece, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, tudo sofre, tudo espera, tudo suporta» (I Cor. XIII—1 a 7).

E isso não está ao alcance de gestos, palavras, atitudes mais ou menos hieráticas, não se subordina aos cálculos hiperbólicos de raciocínios travessos e trevosos, mas é sentimento.

E por ser divina, a Doutrina, si não há entre nós os Mestres em sentido absoluto, si estamos na fase em que cada consciência de aprendiz deve procurar sua justa integração com a vida mais alta, pelo esforço interior, pela disciplina de si mesmo, pelo auto aperfeiçoamento como nos recomenda Emanuel, si ninguém na Terra está de posse da Verdade integral, como não o estavam os apóstolos de Jesus Cristo, há contudo os que

têm procurado «sua justa integração com cujo entendimento assimila o máximo que podemos receber. E esses, o que são para nós outros, si não mestres?

Os apóstolos o que foram para os néo cristãos? O que são para nós Allan Kardec, Delane, Leon Denis, Bezerra de Menezes e tantos outros que a estão despidos de Vaidade, consagrados, conscientes, espandando com sacrifícios seu glorioso patrimônio?

O último livro de André Luiz, «Os Mensageiros», veio elucidar cristalinamente a falsa concepção de Caridade a que se tem agarrado grande número de criaturas, e reduz às devidas proporções o valor dos nossos atos, indicandolhe as consequências em face da Lei. Esse livro é magnífica advertência complementar, estabelecendo o roteiro que nos espera sem quaisquer possibilidades de aliação.

Entusiasmos, pretensões descabidas, são magistralmente expostas no pelourinho do ridículo.

«Grandes massas batem às fontes do Espiritismo sagrado, tão são no propósito de lhe mancharem as águas» pág. 38.

A posse dos rudimentos de Verdade que já nos oferece o Espiritismo, sómente traz responsabilidade ao seu detentor, em nada o habilitando além das próprias aquisições espirituais. Si este, não agitou-se em auto-reforma, embalou-se em fantoscos raciocínios e cálculos, alimentando o «homem-velho» com suas paixões, irá fatal e inexoravelmente dar trabalho ao Posto de Socorro do Alfredo, ainda que doutrine Espíritos, seja médium de varias faculdades, escreva artigos doutrinários, faça conferências, ou, apenas, frequente sessões tanto quanto quem nunca ouviu falar de Espiritismo.

Graças a Deus, lá está no livro de André Luiz, um doutrinador espírita... falido.

Doutrinou muito, argumentou com lógica admirável, atraiu a atenção, brilhou, mas... faliu.

É um espelho para nós. E, em toda essa obra, vê-se que a pedra de toque é a Humildade.

Emanuel e Humberto de Campos, esses abnegados e infatigáveis cooperadores de Jesus Cristo, já nos vinham preparando para recebermos as sublimes e contundentes verdades que André Luiz nos trouxe.

**AUXILIEM**

as obras de construção do Novo Pavilhão da Casa de Saúde «Allan Kardec» de Franca.

**Espiritas Francanos**

Assistam às Aulas de Lectura do Grémio Espírita de Franca, todas às Segundas-feiras das 19 às 21 horas.

Biblioteca «José Marques Garcia» - Junto às Of. de «A Nova Era».

Todas às Segundas-feiras Das 19 às 21 horas.

**ESCOLA PESTALLOZZI**

JARDIM DA INFANCIA. Curso de Admissão. Curso Primário, Diurno e Noturno. Curso de MADUREZA RUA MONSENHOR ROSA, 765 FRANCA

Matriculas abertas.

**CASA DE SAUDE "ALLAN KARDEC"**  
Doativos recebidos:

FRANCA—Maximiano Quedini, 50,00; Da. Maria Conceição Barbosa: 1/2 saco de feijão.

GOIÂNIA—Romeu de Nápolis, por int. de Benedito Catita, 5,00. IBIRACI—Joachim Alves Faleiros Junior: 2 sacos de café benef.

**PRÓ NOVO PAVILHÃO :**

FRANCA—Produto de um leilão a cargo do sr. André Baena e sua esposa Da. Rosa Garcia Baena, 600,00; Francisco Lourenço, 20,00.

PARANÁPOLIS—Marcelino Santos, 25,00. OLÍMPIA—Produto de uma lista a cargo de Arminio Gabriel Tomazini, 790,00.

**POR INTERMÉDIO DE GENESIO MARTINIANO**

FRANCA—Da. Maria Helena Rosa, 100,00; Odorico Barbosa, 50,00; Albino Ribeiro, 50,00.

Em nome da Casa de Saúde «Allan Kardec» levo a todos os meus sinceros agradecimentos, rogando ao altíssimo conceda-lhes a devida recompensa por esse ato de solidariedade cristã.

JOSE RUSSO—Provedor Gerente.

**O PRECEITO DO DIA**

**OS FALSOS TRATAMENTOS DA SURDEZ**

As pessoas que ouvem com dificuldade são, muitas vezes, vítimas de charlatães e antinócios de toda ordem que preconizam métodos de cura, na verdade desprovidos de qualquer valor. Todo o cuidado é necessário, pois esses meios sómente servem para permitir o progresso da moléstia, diminuindo as possibilidades de cura.

Quando doente dos ouvidos, fuja dos antinócios e dos charlatães. Procure um especialista de confiança.

SNES. Em 16/7/45

**EXPEDIENTE**

**"A NOVA ERA"**

Edita-se quinzenalmente.

As colaborações devem trazer assinatura dos articulistas. Prefere-se sempre artigos originais. A litografia, nem sempre, está solidária com os pontos de vista dos seus colaboradores.

**ASSINATURAS:**

Ano ..... CR. \$ 15,00  
Semestre ..... CR. \$ 8,00

— Regularização Jurídica — Este jornal acha-se registrado no Dep. Estadual de Imprensa e Propaganda sob n.º 69, em data de 28/3/42.

Inscrito no Ministério do Trabalho e Indústria e Comércio sob n.º 76.930, de 19/5/43.

No Cartório de Registros—sob n.º 10, 6º fls. 5 do Livro Competente datado em 6/2/35.

**DEUS VÊ TUDO**

Deus é o Espírito que enche todo o mundo; o Espírito é aquilo que pensa, sente e quer. Onde se manifesta um pensamento, um sentimento e uma vontade, há, pois, Espírito. O Espírito nos homens chama-se Alma.

Deus, é, portanto, a Alma do mundo; e assim como não são os olhos que vêem; nem os ouvidos que ouvem, mas é a alma que se serve dos olhos para ver e dos ouvidos para ouvir, assim também Deus, que é a Alma do mundo, vê por todos os olhos e ouve por todos os ouvidos, e assim sabe de tudo. Nós podemos sentir a voz de Deus em nossa alma, por intermédio da nossa «consciência». A consciencia nos diz se é bom ou mau o que fazemos; ela nos adverte, admoesta e repreende. Ouça cada um a sua voz, se quer viver feliz!

Uma vez estava o pequeno Teófilo em casa, só com sua irmã Joana, e disse a esta: «Irmã, vamos ao pomar apanhar algumas maçãs?» Joana respondeu: «Não, Teófilo, a mamãe nos proibiu apanhar as frutas, porque não estão ainda maduras». O menino redargiu: «A mamãe não nos vê?»

— «Mas o vizinho nos veria!», retrucou a irmã. — «Então vamos ao sótão, onde a mamãe guardou pês para amadurecerem e tiremos dás para nós; a mamãe não precisa sabê-lo e ninguém nos pode ver!», — «Ninguém?» perguntou a boa meadinha. «Estás enganado, meu irmão; nunca estamos tão só que Deus não nos veja. Ele está por toda parte e vê tudo!», — «Tens razão», confessou o pequeno: «eu me esqueci de que ninguém se pode esconder á vista de Deus, porém agora mesmo ouvi dentro de mim uma voz que me reprendia de ter pensado em roubar frutas. Não, eu não quero apropriar-me do que não me é dado, porque Deus não me quereria bem!», — «E tens toda a razão», acrescentou a irmã.

Francisco Valdomiro Lorenz

(Do livro «No Jardim da Alma»)

**A Nova Era**

EXECUTA COM PERFEIÇÃO TODO E QUALQUER SERVIÇO GRÁFICO. Rua Campos Sales, 949 Pône 3-17 — FRANCA

**Dr. J. Malhas Vieira**

Médico  
Operador — Parteiro

ESPECIALIDADES: PARTOS, MOLESTIAS INTERNAS DE SENHORA E DE CRIANÇAS

Consultório e Residência:  
Rua Major Claudiano N. 98

Telefone 1-5-5

FRANCA

**BOTUCATÚ — ESTADO DE S. PAULO**

Os centros espíritas dessa cidade: «JOEVAUHE», «ANESIO SIQUEIRA» e «CAMINHO DA LUZ» realizaram no dia 3 deste, data de nascimento de Allan Kardec, importante comemoração que bem significou o carinho dos dirigentes desses núcleos para com o «CODIFICADOR».

A união dessas três entidades espíritas de Botucatu veio dar maior intensidade a essa festa espiritual da grande repercussão naquela zona.

Pelo programa que recebemos vimos quanto de dedicação tiveram os organizadores dessa comemoração que teve início a 1 de outubro e encorreu no dia 3. Foram 8 dias de trabalho a obra admirável de mestre Kardec e que tiveram também a colaboração de diversos oradores, destacando-se entre esses o Dr. José Damiano Pinheiro.

Sobre a personalidade e o trabalho do grande apóstolo do Espiritismo fizeram ainda: Miguel Angelo Luiz, Napoleão Nascimento, Diogo César Sampalo, Emílio Serrador e Mario Anderson. Na parte literária e representativa pelos alunos das escolas dos aludidos centros destacaram-se a senhorinha Enid Andreassi, a menina Lourdes Nogueira Ribeiro e o menino Jeovah do Melo.

**EM NOSSA CIDADE**

**CONFERTIZAÇÃO INFANTIL**—O Grêmio Espirita de Franca fez uma visita com seus alunos, sob a direção da Profa. Maria Cintra, dia 7 de outubro à Liga Espirita d'Oeste, do Distrito da Estação. Ali os alunos tanto da Escola Evangélica do Grêmio como os da Liga tiveram oportunidade de estar em convivência, equivalente ao que a verdadeira confraternização infantil dos filhos dos espíritas da nossa cidade. Foi levado a efeito um bonito programa de recitações, cantos e interpretações teatrais por ambas as turmas.

**A HORA QUE PASSA**

(Conclusão)

a dívida do seu amor e da sua misericórdia, «misericórdia motus», como no dizer de Paulo, ou seja «pele amor dos homens e por nossa causa, desceu dos céus até nós!» (Hebr. IV—14 e 15).

Sendo assim, por um dever sagrado de gratidão, é imprescindível que os homens conheçam profundamente ao Cristo, para amá-lo, mais profundamente ainda. Porque Jesus é amor. Jesus é misericórdia, e ninguém se lhe aproximou sem que não houvesse recebido uma graça!

Contam-se aos milhares, com abundância sem fim, os seus atos de beneficência e comiserância em favor dos coxos e estropeados, a quem ocorria de preferência, com benevolência e amor!

Foi o seu grande amor por esta humanidade terrena que determinou a sua vinda ao nosso mundo, pela encarnação, tornando-se um conosco. «Tentado em todas as coisas á nossa semelhança, exposto no pecado» (Hebr. IV 15). Porque na Terra imperava, nas cidades e nos campos, em todos os ambientes, a miséria e a dor. Jesus, testemunha desses sofrimentos, sentindo a dor das criaturas, moveu-se de compaixão, descendo até nós e trazendo-nos o seu recado de amor!

E desde o seu nascimento em Belém de Judá, até o seu sacrifício no monte do Cal-

COMEMORAÇÃO À DATA DE 3 DE OUTUBRO—O Centro Espirita «Fé e Caridade» e o Grêmio Espirita de Franca, pelos seus dirigentes realizaram no dia 3 de outubro, data de Allan Kardec, significativa festa espiritual em homenagem ao grande vulto do Espiritismo. Nessa festa houve uma participação literária dos alunos da Escola Dominical da Liga Espirita d'Oeste, que está sob a presidência do distinto confrade Mario Nalinu.

**BIBLIOTECA «JOSÉ MARQUES GARCIA»**—continua essa importante dependência do Grêmio Espirita de Franca a desenvolver uma propaganda intensa sobre nossa doutrina e mesmo aumentando dia a dia os números de suas obras.

Agora está sendo franquada a todos os leitores, aos domingos das 8 horas às 11 horas, da manhã. Pedem os nossos confrades diretores dessa biblioteca para fazermos um apelo aos confrades de todos os lugares afim de que eles para ali enviem a lembrança de um livro para essa utilíssima instituição intelectual.

**DA BELMIRA VIEIRA DE ALMEIDA**

Dia 10 de outubro, na cidade de Botucatu, neste Estádio, onde reside, deixou sua existência material, a querida e estimada sra. Da Belmira Vieira de Almeida, expressão bem definida do Espiritismo nessa localidade.

A extinta fundou o Centro Espirita «Caminho da Luz», onde sempre esteve atesta sobre suas obrigações, sendo uma das mais arduosas confeitras que se põem a trabalho dessa natureza. Queremos daqui estar solidários com os nossos confrades de Botucatu e as pessoas da família da nossa querida confeitra, para dessa modo dirigirmos, em união, uma prece a Jesus afim de que Ele na sua luz receba uma das suas discípulas mais dedicadas.

vário, com a cabeça ornada de espinhos, naquela tarde de terrível angústia para o seu coração, ele jamais esqueceu a sua sagrada missão, consumbaciada no seu grande amor pela humanidade, a tal ponto de, no último momento, implorar ao Pai perdão para aqueles que não sabiam o que faziam...

Amando e cultuando ao Cristo, os homens aprenderão a solucionar todos os problemas, todos os dissídios, todas as discórdias, porque se integram também no grande preceito de Jesus:— «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo... Não fazer aos outros, o que não queriam que nos fizessem...»

E apesar do decorrer dos tempos, o Cristo continua, queiram ou não os homens, a ser o Alfa e o Ômega, o começo e o fim de tudo, pela fé e pelo amor que infundem nos corações de todos aqueles que creem nas suas promessas consoladoras e confortadoras:— «A ninguém deixarei orfão... eu hei de vir a vós...» (João XIV-18).

Por isso «Christus heri et hodie ipse et in saecula»—ou seja, Jesus Cristo era ontem e é hoje; o mesmo também será por todos os séculos, como bem afirmou Paulo aos Hebreus. (Hebr. XIII 8).

E na hora confusa que passa, mais se faz mister invocar o seu nome e procurar buscar nos grandiosos ensinamentos e edificantes exemplos os motivos para o restabelecimento de uma paz du-

**A POLÍTICA E O ESPIRITISMO**

Disse um grande filósofo—«O HOMEM É UM ANIMAL POLÍTICO», e, de fato o é, porque a política em seu sentido genérico, é o meio mais fácil de que o homem se serve para entrar em ampla relação com o ambiente social afim de realizar suas ambições, sejam elas boas ou más; donde as duas espécies bem distintas da política— a do Bem e a do Mal; a primeira, a do bem, a pacífica, a altruística, a da justiça e do amor é a de que os grandes e agitados reformadores têm lançado mão para conduzir a Humanidade aos seus mais elevados desígnios; a segunda, a da calúnia, da mistificação, da violência, do ódio, da vingança e da pena de morte é aquela a que os déspotas e tiranos da consciência humana recorrem sempre para prender e explorar vilmente a humanidade debaixo da ignorância, do medo, do terror e das eternas ameaças.

Ante o vertiginoso aumento radoura e eterna, á face do mundo.

Dias muito tristes aproximam-se da Terra, dizem insistentemente os guias espirituais. Como há quasi cem anos fizera Agostinho, advertindo-nos de que o nosso mundo já havia atingido um dos seus períodos de transição, em que de mundo expiatório se tornaria em mundo regenerador, sem contudo, afirmou ele, ficar isento das comições depuradoras, e que as comições que nos alingiriam seriam comições morais, mais sérias por certo, para aqueles que evoluíram o suficiente para sentir toda a ferza das mesmas. Dizendo mais que todos deviam estar de sobreaviso, na hora terrível da borrasca, da qual ninguém ficaria indene. Todos, indistintamente, seriam tocados pela dor e pelo sofrimento, porque essa seria a hora do testemunho. Todos seriam chamados a prestá-lo. E que, toda criatura, todo lar, toda instituição, toda sociedade, toda nação que não tiver por proteção o escudo de Jesus, periclitará, ruirá fragorosamente, como aquela casa que foi construída sobre a areia... Mas, consoladoramente, dizem também aqueles bons amigos: Aqueles que edificarem a sua casa sobre a rocha, resistirão todas as tempestades, e nas horas mais borrascosas, dentro das provações morais dolorosas e mais cruciantes, ouvirão a voz cariciosa e meiga de Jesus, a lhes dizer aos ouvidos: «Benditos de meu Pai, possui o reino que vos está preparado, porque vive fôme, e dêste-me de comer; vive sede, e dêste-me de beber; era hóspede, e recolheste-me; estava enfermo, e visitaste-me; estava no cárcere, e vieste ver-me!»

Creemos e vigiemos, pois, irmãos, para não cairmos em tentação e que possamos vencer galhardamente os tempos que aí vêm!

Nova Iguaçu, Outubro de 1945.

dos adeptos do Espiritismo no Brasil, e também ante o delicadíssimo momento da política nacional, pergunta-se:— como deve agir todo o espirita sincero dado o momento político atual? Será de bom aviso ao Espiritismo formar partidos políticos? Pensamos que não, porque os partidos políticos exigem disciplina partidária, são fontes de destratenação e os respectivos chefes, não raras vezes, pretendem impor por seus adeptos cumprimento das suas ordens de conteúdo partidário que, nem sempre, são as mais acertadas, o que não será tolerável aos verdadeiros espíritas que já têm a consciência liberada de qualquer escravidão humana, havendo, portanto, sérias e justificáveis razões para se evitar a formação de partidos nos meios espíritas, embora venham eles ostentando o rótulo do Espiritismo.

Uma vez considerado que a formação de qualquer partido político no ambiente espirita se torna chocante á nossa consciência doutrinária, como deveremos, então, aplicar no seio da política profana a política do bem, essa maravilhosa fonte de paz e harmonia que os espíritas têm a ventura de conhecer e gozar, e, também, cada um, o dever sagrado de aplicar em benefício de todos os seus semelhantes?

Antes de tudo, devemos não nos esquecer de que o Cristo recomendou— «Pregar os evangelhos até por cima dos telhados»; ora, se assim é para ser— será lícito fugir-se de qualquer recanto humano, como sejam os dos ambientes políticos, onde os homens sofrem tanto pela falta da paz de consciência, e onde mais prolifera a força do Mal? Também acreditamos que não; seria isso falar á prática do verdadeiro amor aos nossos semelhantes, quer por ignorância, quer por comodismo ou desinteresse. Dos problemas sociais relevantes, mais especialmente no âmbito da vida nacional da nossa estimável Pátria. Segue-se, portanto, que os espíritas conscientes, de forma alguma, poderão ser alheios á formação do quadro político nacional, uma vez que da boa ou má formação da estrutura política brasileira depende o bem ou mal-estar de milhões dos nossos irmãos, sob todos os pontos de vista.

É, pois, fato indiscutivelmente positivo, que o destino do povo brasileiro depende da íntima ação cívica, moral e espiritual de cada brasileiro no discernimento e cumprimento muito fiel dos seus sagrados deveres; ora, se assim é, como poderá o ESPIRITISMO, essa puríssima LUZ predestinada á re- formação de toda Humanidade cruzar seus divinos braços ante os acontecimentos políticos, justamente no momento da sua mais profunda sutileza, em toda a história brasileira? Não; isso não será possível, a menos que deixemos de cumprir os nossos deveres perante Deus, a Humanidade e a Consciência.

Que o Espiritismo não deve formar partidos políticos compreende-se facilmente; não deve, e entre outros motivos já expostos, para evitar a infiltração de elementos ambiciosos e egoístas em seus meios, precauções assim de aproximar-se terra-a-terra das forças do Mal.

A cada espirita consciente, cabe ainda, mais do que isso, isto é— desligar-se de toda e qualquer corrente política cujos adeptos visem apaixonadamente dar azas cegas á suas torpes ambições de orgulho e egoísmo.

Todavia, os mais altos mentores do Espiritismo, não devem ignorar que, mesmo sem qualquer arregimentação de ordem política no meio espirita, um sagrado dever se impõe entre os presidentes, chefes e mentores das inúmeras obras de assistência social, estudiosos das suas escolas—dever que é o de entrarem em entendimentos entre si, indicando candidatos espíritas á família espirita para os diversos posto políticos do nosso país, onde, pelo menos alguns dos seus representantes possam ter acesso para levar o salutar ensinamento e o exemplo da política do Bem, do Amor e da verdadeira Fraternidade aos profanos mentores dos destinos da nossa Pátria.

O tacho luminoso da Doutrina Espirita jamais, por motivo algum, deverá ser deixado de levar a esses recantos mais trevosos das camadas humanas, onde tanto predominam o orgulho, o egoísmo e a hipocrisia; só assim estaremos dando o devido cumprimento aos eternamente respeitáveis conselhos do divino Mestre— «Pregar os evangelhos até por cima dos telhados.»

Nós, espíritas, não podemos deixar de reconhecer que todos os povos, como cada indivíduo, ainda têm necessidade de recorrer á prática política para melhor agir no meio em que vivem, e que, também, da boa e sã política depende a mais rápida evolução material, moral e espiritual de toda Humanidade e, portanto, a verdadeira conquista da sua felicidade; ora, um vez que assim é— o que poderia justificar o gesto de nos collocarmos á margem dos acontecimentos políticos do nosso próprio povo, muito especialmente no momento atual em que os mentores da política interacional mais se deixam arrastar pelos seus sentimentos barbaramente embrutecidos? Pois, não nos disse o Cristo que— «São os doentes que necessitam de médicos.» e, porventura, haverá mais respeitável doente e que mais necessita de médicos do que o atual espirito da política brasileira?

**SINTESE**

O ESPIRITISMO não necessita da política para continuar em sua maravilhosa cruzada redentora, mas a política necessita do ESPIRITISMO para a sua depuração moral e espiritual.

Para tal fim, Espíritas do BRASIL, não fitemos ao cumprimento dos nossos sacratíssimos DEVERES.

Itapetininga, 22-10-45.

Fernando Pereira de Moraes